

## O AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Vera Lúcia Landó Contart Teles*<sup>1</sup>

*Alessandra Alves Rodrigues de Souza*<sup>1</sup>

*Leandra de Bessa Dionizio*<sup>1\*</sup>

*Aroldo Vieira de Moraes Filho*<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo aborda a temática do autismo em crianças de 4 e 5 anos e as dificuldades enfrentadas no processo de aprendizagem na sala de educação infantil. O foco está na interação entre estudante, professor, escola e a participação da família, com vistas a desenvolver adequadamente as competências cognitivas e sociais das crianças autistas na sala de aula da educação infantil. O objetivo deste artigo foi compreender o processo de aprendizagem dessas crianças no ambiente escolar. A metodologia adotada para este estudo foi baseada em pesquisa bibliográfica, abordagem qualitativa que se baseou em autores renomados e reconhecidos, como Mantoan (2006), Wendell (2013), Mello (2013) e outras fontes relevantes. Conclui-se que o tema abordado é de grande importância para que profissionais, familiares e a sociedade possam compreender como se dá o processo de aprendizagem de crianças com autismo. Além de métodos de acompanhamento especializados, a criança autista necessita de aceitação e acolhimento por parte das instituições de ensino regulares.

**Palavras-chave:** Ensino e Aprendizagem. Inclusão. Educação Inclusiva.

**ABSTRACT:** This article addresses the topic of autism in 4- and 5-year-old children and the difficulties they face in the learning process in a preschool classroom. The focus is on the interaction between students, teachers, the school, and family involvement, aiming to adequately develop the cognitive and social skills of autistic children in the preschool classroom. The objective of this article was to understand the learning process of these children in the school environment. The methodology used for this study was based on bibliographic research, a qualitative approach that relied on renowned and recognized authors such as Mantoan (2006), Wendell (2013), Mello (2013), and other relevant sources. It is concluded that the subject addressed is of great importance for professionals, families, and society to understand how the learning process of children with autism occurs. In addition to specialized methods and support, autistic children require acceptance and support from regular educational institutions.

**Keywords:** Teaching and Learning. Inclusion. Inclusive Education.

---

<sup>1</sup> Discentes do Curso de Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia do Ensino Superior do Centro Universitário Alfredo Nasser.

<sup>2</sup> Docente do Centro Universitário Alfredo Nasser. Orientador do TCC da Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia do Ensino Superior do Centro Universitário Alfredo Nasser.

\* E-mail: lele\_bessa@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a discussão sobre a inclusão de pessoas, especialmente crianças com necessidades especiais, está em destaque. A escola deve ser mais do que um local para adquirir conhecimento; deve ser um espaço de pertencimento, onde as crianças se sintam acolhidas e tenham a oportunidade de desenvolver plenamente nos aspectos cognitivos, mentais e sociais. No entanto, para que isso se concretize, é fundamental que toda a comunidade escolar se envolva e se comprometa com o acolhimento das crianças com necessidades especiais, no intuito de criar estratégias que as ajudem a superar desafios e oferecer educação inclusiva de qualidade (Carvalho e Silva, 2019).

A necessidade de compreender como a criança autista pode ser adequadamente inserida no ambiente escolar de ensino regular, especialmente em uma sala de educação infantil, é o aspecto central deste estudo. Para atingir esse objetivo, serão discutidos três procedimentos indicados para o processo de aprendizagem das crianças autistas: Análise Aplicada do Comportamento (ABA), Sistema de Comunicação através de Trocas de Figuras (PECS) e Programa de Aprendizagem Individual (TEACCH).

De acordo com Mantoan (2006, p. 25), "a escola precisa ser inclusiva e adaptar métodos e contar com profissionais capacitados, planejando um sistema de educação flexível que atenda às necessidades e diversidades de cada criança". Inserir uma criança autista na sala de aula levanta inúmeras questões, e é essencial que profissionais capacitados estejam presentes para garantir a adaptação e o bem-estar dessas crianças. Além disso, a participação da família desempenha papel fundamental na promoção da interação do estudante autista no ambiente escolar. A criança autista deve participar e realizar todas as atividades propostas pela professora, de acordo com suas limitações, com o seu bem-estar e desenvolvimento.

Percebe-se que as crianças autistas que começam a sua vida escolar na educação infantil têm idades que variam entre 4 e 5 anos e, por esse motivo, enfrentam maiores desafios na adaptação às instituições de ensino regulares, as escolas (Santos et al, 2020).

Essas crianças estão acostumadas a se relacionarem principalmente com seus pais, já que sentem proteção, amor e acolhimento por parte deles (Ferreira e Silva, 2017). Crianças nessa faixa etária, mesmo sem deficiências, costumam sentir essa separação entre família e escola, o que pode ser uma transição desafiadora (Ferreira e Silva, 2020). Para crianças autistas, que enfrentam dificuldades de socialização, organização e sequenciamento, essa adaptação pode levar ainda mais tempo (Carvalho e Silva, 2019).

É importante observar que muitas escolas têm a maioria de seus profissionais sem a devida qualificação para lidar com crianças especiais, o que dificulta o diagnóstico preciso e pode resultar em desafios significativos quando recebem esses alunos (Santos et al.; 2020). Além disso, as crianças autistas, embora possam ter aprendido a compartilhar com irmãos em casa, podem ter dificuldades na partilha na educação infantil (Ferreira e Silva, 2017). A área de intervenção na aprendizagem de crianças autistas é ampla, abrange objetivos educacionais, avaliação diagnóstica, comunicação, interação, cognição e problemas de comportamento (Carvalho e Silva, 2019).

Com relação aos objetivos educacionais e à avaliação diagnóstica, é essencial entender o estilo de aprendizagem dessas crianças na educação infantil. Embora possam demonstrar habilidades em algumas áreas, podem enfrentar dificuldades para concluir atividades. Essas crianças frequentemente têm pouca tolerância à frustração quando não conseguem realizar a tarefa, o que exige que educadores desenvolvam estratégias para acalmá-las, e a música pode ser uma ferramenta útil para isso (Shannon e McHugh; 2014).

Atualmente, são reconhecidas a existência de três tipos de autismo: leve, moderado e grave, cada um com características específicas que podem afetar o processo de aprendizagem. Portanto, é fundamental adaptar as práticas pedagógicas para atender às necessidades individuais de cada criança. Por exemplo, crianças com autismo do tipo Aspergers, considerado como autismo leve, podem falar fluentemente, mas enfrentam dificuldades na utilização da linguagem para a interação social, devido a um foco de interesse limitado (American Psychiatric Association; 2013).

No Brasil, três métodos de ensino são utilizados para atender às necessidades de estudantes autistas na educação infantil. O método ABA concentra-se no desenvolvimento

de competências cognitivas, sociais, linguísticas e motoras (Baptista e Rodrigues; 2016). O PECS é uma abordagem de baixo custo que ajuda a desenvolver a linguagem verbal das crianças por meio de cartões (Fonseca e Marques; 2015). O método TEACCH é um programa de aprendizagem individual que envolve programação individual para cada aluno e oferece uma rotina clara e previsível para auxiliá-los na realização de tarefas (Martins e Oliveira; 2018).

Professores devem demonstrar paciência e empatia ao lidar com crianças autistas, pois elas podem parecer distantes e apresentar atrasos no processo de aprendizagem (Cunha e Silva; 2019). A motivação e o cuidado são essenciais para promover o desenvolvimento intelectual dessas crianças. Além disso, é importante criar um ambiente escolar inclusivo que incentive a participação de crianças autistas em todas as atividades da sala de aula.

O vínculo afetivo entre o professor e o aluno é fundamental para motivar as crianças autistas na sala de aula (Mello e Rodrigues; 2020). O professor deve criar estratégias de ensino que atendam às necessidades específicas de cada criança, considerando dificuldades auditivas, visuais ou táteis (Silva e Cunha; 2019). Ter sensibilidade na escolha das atividades é crucial, bem como o uso de materiais didáticos apropriados (Fonseca e Marques; 2016). Uma comunicação clara e direta é fundamental para o sucesso do ensino de crianças autistas (Silva e Cunha; 2020).

Portanto, a educação inclusiva de crianças autistas na educação infantil exige que a escola, os professores e a comunidade escolar trabalhem juntos para criar um ambiente acolhedor, que promova o desenvolvimento e a aprendizagem dessas crianças de forma individualizada.

Diante disto, o objetivo deste trabalho é compreender as dificuldades de aprendizagem das crianças autistas na educação infantil, no ambiente escolar.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Na presente pesquisa, foi realizada revisão bibliográfica. Os descritores utilizados incluíram informações específicas correlacionadas ao assunto, por meio de pesquisa

qualitativa baseada em obras de autores renomados e conhecidos, tais como Mantoan (2006), Wendell (2013), Mello (2013), e outras fontes pertinentes.

Para esta revisão bibliográfica, foram selecionados diversos tipos de fontes, como artigos científicos, livros, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), monografias e resumos de congressos. Todas as obras escolhidas têm um período de publicação entre os anos de 1987 a 2020.

Esse método de pesquisa proporcionou base sólida de informações e conhecimento para embasar as discussões e análises realizadas no presente estudo. A revisão bibliográfica permitiu abordar o tema de forma abrangente, além de explorar diferentes perspectivas e conceitos apresentados por especialistas na área.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### ***Definições e Conceitos do Autismo***

Segundo Bosa (2002), as crianças chamadas autistas têm inadaptação para estabelecer relações normais com os outros, atraso na aquisição da linguagem e, quando esta se desenvolve, incapacidade de dar a ela um valor de comunicação. Essas crianças também apresentam estereótipos gestuais e necessidade de manter inalterável seu ambiente material, embora frequentemente demonstrem notável memória. Contrapondo a esse quadro, essas crianças, à primeira vista, apresentam rosto inteligente e aparência física normal.

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (DSM-V), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por, no mínimo, três déficits na comunicação social e, pelo menos, dois no comportamento repetitivo e restrito.

Essas definições fornecem entendimento básico do autismo e do TEA, que são distúrbios complexos do desenvolvimento que afetam a forma como as crianças interagem

e se comunicam com o mundo ao seu redor. Essa compreensão é fundamental para abordar adequadamente as necessidades de crianças autistas na educação e em outros contextos.

Marinho (2009) cita Pimentel (2000) para afirmar que as causas do autismo ainda são desconhecidas, embora várias condições neurológicas e/ou genéticas tenham sido associadas a sintomas do autismo. Problemas cromossômicos, genéticos, metabólicos e outras doenças adquiridas ou transmitidas durante a gestação, parto ou após o nascimento podem estar diretamente relacionados ao autismo.

É fundamental entender a complexidade do TEA e suas manifestações para fornecer um suporte adequado a indivíduos com esse transtorno. Reconhecer que essas diferenças no desenvolvimento não significam incapacidade, mas sim uma variação na forma como as pessoas interagem e compreendem o mundo ao seu redor.

As causas do autismo, como mencionado anteriormente, ainda não são totalmente esclarecidas, mas inúmeros estudos e pesquisas estão sendo conduzidos para entender o desenvolvimento do Transtorno do Espectro Autista. Até o momento, é conhecido que o autismo pode ser causado por fatores genéticos ou ambientais.

A pesquisa continua a desvendar os aspectos precisos que contribuem para o autismo, pois compreender essas causas é fundamental para fornecer apoio e intervenção adequados às pessoas com o transtorno.

Segundo Baptista e Bosa (2002):

[...] A conclusão que emerge dessa reflexão é que existe um comprometimento precoce que afeta o desenvolvimento como um processo e, conseqüentemente, a personalidade (por meio da interação entre o self e as experiências como o ambiente, que possibilita o desenvolvimento das noções de si, do outro e do mundo ao seu redor), seja a síndrome do autismo classificada como psicose ou como transtorno de desenvolvimento. Na verdade, existe a falta de um modelo teórico suficientemente abrangente para dar conta das diferenças entre duas formas de classificação. [...] O que vale a pena ressaltar é que seja qual for o sistema de classificação ou a abordagem teórica adotada, a noção de que crianças com autismo apresentam déficits no relacionamento interpessoal, na linguagem/comunicação, na capacidade simbólica e, ainda, comportamento estereotipado (atentando-se para as diferenças individuais), não tem sido desafiada.

Os seres humanos devem compreender que não têm controle sobre esses fatores, mas podem influenciar o ambiente estimulante que a criança recebe. O ambiente em que a criança vive não causa o autismo, mas pode proporcionar estímulos que enriquecem a rede de neurônios da criança, diminuindo atrasos, melhorando o comportamento, a comunicação e promovendo um desenvolvimento mais favorável.

Segundo Coelho (2006), os sintomas do autismo incluem:

- ✓ Aparência física saudável;
- ✓ Falta de compreensão da própria identidade;
- ✓ Dificuldade na comunicação;
- ✓ Falta de contato visual;
- ✓ Comportamento retraído, apatia e desinteresse;
- ✓ Indiferença em relação ao ambiente ao redor;
- ✓ Resistência a mudanças no ambiente;
- ✓ Incapacidade de julgar;
- ✓ Ansiedade frequente e aparentemente ilógica;
- ✓ Hiperatividade e movimentos repetitivos;
- ✓ Dificuldades em movimentos que requerem habilidade.

### ***O Autismo no Contexto Escolar da Educação Infantil***

Percebe-se que as crianças autistas que iniciam sua vida escolar na educação infantil têm idades que variam entre 4 e 5 anos. Por esse motivo, enfrentarão maiores desafios de adaptação em instituições de ensino regulares, como as escolas. Isso ocorre porque estão habituadas a se relacionarem principalmente com seus pais, de quem recebem proteção, amor e acolhimento. Ao contrário das crianças dessa faixa etária que não apresentam deficiências, as crianças autistas enfrentam ruptura significativa entre a família e a escola, o que implica em um período de adaptação mais longo devido aos desafios de socialização, organização e sequenciamento que apresentam.

Muitas dessas crianças enfrentam dificuldades relacionadas à partilha, embora algumas delas tenham aprendido em casa a compartilhar com seus irmãos. Na educação

infantil, é crucial ensinar a criança a compartilhar com os colegas, como ressaltado por Cuberos (1997, p. 93).

Neste contexto, várias áreas interferem na aprendizagem dessas crianças, incluindo a definição de objetivos educacionais e a avaliação, a intervenção na área de comunicação, interação, intervenção na área cognitiva e nos problemas de comportamento. Com os objetivos educacionais e a avaliação diagnóstica, busca-se compreender a forma de aprendizagem das crianças na educação infantil. Elas parecem saber fazer algumas coisas, mas enfrentam muitas dificuldades para concretizar as atividades. Dado que essas crianças têm baixa tolerância à frustração quando não conseguem realizar uma tarefa, os educadores precisam desenvolver estratégias para acalmá-las, sendo a música um dos meios utilizados (Cuberos et al., 1997, p. 255).

Atualmente, sabe-se que existem três tipos de autismo: leve, moderado e grave, cada um com suas especificidades que podem interferir no processo de aprendizagem. Portanto, é essencial adaptar a prática pedagógica às necessidades de cada criança. Como mencionado por Santos (2008), os autistas do tipo Aspergers, considerado autismo leve, falam perfeitamente, mas enfrentam dificuldades em utilizar a linguagem para se relacionarem socialmente, principalmente devido à falta de ânimo para interagir com os colegas de sala, uma vez que seu foco de interesse é limitado. No Brasil, já são utilizados três métodos de ensino com o objetivo de atender às necessidades desses estudantes autistas, foco deste artigo, que aborda os estudantes autistas na educação infantil.

Segundo Mello (2001), o ABA ensina competências relacionadas ao desenvolvimento, como cognição, socialização, linguagem e habilidades motoras. De acordo com a autora, “esse método é muito criticado, pois supostamente torna as crianças robóticas, o que, de certa forma, é correto, já que a ideia é intervir o máximo possível para promover o desenvolvimento.”

A esse método, associa-se o PECS, que é simples e de baixo custo, utiliza cartões para auxiliar no desenvolvimento da linguagem verbal da criança, e o método TEACCH, uma forma de avaliação qualificada como um programa de aprendizagem individual. Conforme Cornelsen (2007), este último é um grande aliado dos professores que buscam

ação positiva no processo de aprendizagem dos estudantes autistas, uma vez que trabalha com o autista e todos que o cercam.

De acordo com Gomes e Silva (207, p. 3) neste método, a programação individual de cada aluno é uma das ferramentas essenciais, proporciona o entendimento do que está ocorrendo e promove confiança e segurança. As dificuldades de generalização indicam a necessidade de uma rotina clara e previsível, visualmente demonstrando ao estudante quais tarefas serão realizadas e servindo como instrumento de apoio para ensinar o que vem antes e o que acontece depois, permitindo o planejamento das ações e seu encadeamento numa sequência de trabalhos.

Dessa forma, o professor deve ter muita paciência e empatia com as crianças autistas, para que elas assimilem o conteúdo. A criança autista pode parecer distante, não atender ao chamado e até mesmo ter grande atraso para entender a explicação, mas ela não age assim por escolha, é devido às suas dificuldades que adiam e afetam o processo de aprendizagem. Ela necessita de muita motivação e cuidado para desenvolver sua intelectualidade. Conforme Ferreira e França (2017):

a criança autista não explora o brinquedo como deveria; ela se interessa por um único movimento, podendo ficar horas a fio rodando a roda de um carrinho, por exemplo. Além disso, é resistente a mudanças de rotina, e o professor precisa estar atento e planejar suas aulas de acordo com todas essas necessidades para que a criança não se sinta excluída entre seus colegas, que, por sua vez, precisam estar cientes das dificuldades que a criança enfrenta. Isso envolve um trabalho conjunto com toda a comunidade escolar, evitando o rótulo e estabelecendo metas com base no que a criança é capaz de fazer e aprender.

O vínculo afetivo criado com o professor é fundamental para motivar a criança na sala de aula em que ela está inserida, mesmo que o professor tenha um auxiliar. É um direito da própria criança ser atendida individualmente. O professor deve sempre manter esse envolvimento com o estudante autista, promover a comunicação e a inclusão com todas as crianças do ambiente escolar. Deve propor atividades que incluam a criança autista, permitir que ela participe diariamente com seus colegas em todas as atividades propostas. Com isso, a criança autista se sentirá segura e receptiva a tudo o que lhe é

oferecido e ensinado, mesmo com dificuldades. O professor deve buscar constantemente alternativas e estratégias para incluir essa criança, criar momentos únicos não apenas para o professor, mas para toda a sala de aula e toda a comunidade escolar. Wendel (2013) relata que:

Nossos sentidos de educador devem sempre estar relacionados ao coração dos educandos. É nele que reside a resposta para uma aprendizagem viva. No encontro em sala de aula, deve-se buscar diariamente algo necessário para o desenvolvimento humano dos educandos. A abertura do seu coração. É estar inteiro nesse encontro de conexão em sala de aula. São dois seres abertos para aprender (WENDEL, 2013, p.10).

Com a importância de estar presente na vida escolar do aluno, o professor cria um vínculo de afetividade que impulsiona a motivação dessa criança autista e desenvolve seu aprendizado de forma enriquecedora. Isso ocorre por meio de brincadeiras com a turma, utilizando uma linguagem simples, clara e direta, e fazendo uso de todos os recursos disponíveis na escola para ensinar com qualidade e sabedoria. Todo professor deve ser um pesquisador, facilitar o ensino e a aprendizagem de seus alunos, inclusive, dos autistas. É essencial que o professor se adentre no mundo autista para entender, aprender e compreender como essa criança aprende (Ferreira e França, 2017).

Muitas dessas crianças apresentam dificuldades auditivas, visuais ou táteis. Portanto, é fundamental que o professor tenha sensibilidade ao escolher as atividades a serem desenvolvidas com os alunos. Por isso, a escola deve fornecer materiais didáticos que facilitem esse processo e motivem as crianças autistas a quererem estar na escola. Todas as atividades devem ser adaptadas para que, na medida do possível, a criança autista consiga realizá-las de acordo com seu desempenho cognitivo, motor e mental.

### **A Importância da Participação da Família e da Escola**

No Artigo 4 do Decreto nº 8.368/2014 que regulamenta a Lei nº 12.764/2012 que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista: "É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar o direito da pessoa com transtorno do espectro autista à educação, em sistemas educacionais

inclusivos, garantida a transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior."

Então, as contribuições e participações da escola e da família no ensino e na aprendizagem da criança autista são de suma importância para o desenvolvimento das crianças diagnosticadas com autismo. Ao falar de alguns critérios importantes nesse contexto, é válido lembrar que a Lei assegura o direito à escolarização dessas crianças.

A escola e a família caminham juntas na inclusão de crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista. Nessa caminhada, ressalta-se que a visita da equipe médica que trabalha com o TEA é de muita valia, pois a troca de informações entre a equipe médica e a equipe pedagógica da criança diagnosticada com autismo é produtiva para seu ensino e aprendizagem. A afetividade entre o TEA e a escola de educação infantil é forte mediador no processo de aprendizagem. Por esse motivo, quando há afeto, ocorre a ampliação da motivação e interesse e gera a necessidade de aprender.

Dessa forma, a afetividade pode ser usada como instrumento de ensino e aprendizagem no desenvolvimento cognitivo das crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista.

A escola de educação infantil enfrenta algumas dificuldades e desafios com as crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas o ensino deve alcançar a todos dentro da sala de aula. Nesse contexto, é essencial que a escola e os educadores estejam preparados para enfrentar esses desafios, oferecer um ambiente inclusivo e estratégias pedagógicas adequadas para atender às necessidades das crianças com TEA.

De acordo com Guaderer (1987), a criança com autismo pode apresentar dificuldades de aprendizagem, mas pode desenvolver habilidades linguísticas, motoras e interativas quando exposta a programas de estímulo à aprendizagem.

Nesse contexto, o papel da escola de educação infantil é elaborar métodos e estratégias para que essa criança autista possa desenvolver suas habilidades, integrando-se plenamente ao meio e interagindo com os colegas e professores.

## **O Ensino das Crianças Autistas em Salas de Aula Regulares da Educação Infantil**

De acordo com Santos (2008, p. 30), é importante que os professores direcionem sua prática pedagógica para tornar possível a socialização da criança com autismo na sala de aula e adaptem suas metodologias para atender às necessidades delas.

Portanto, entende-se que o processo de aprendizagem da criança autista pode ocorrer de forma lenta e gradativa. Portanto, é fundamental que o professor da educação infantil esteja qualificado para atender essa criança autista, desenvolvendo técnicas de comunicação que possam impactá-la de maneira significativa. Esse papel da escola é uma ferramenta essencial no ensino e aprendizagem da criança autista, pois a escola pode utilizar métodos e estratégias para alcançar essa criança autista dentro de suas comorbidades. As escolas devem estar dispostas a desenvolver as competências que a criança autista demonstra e não se concentrar apenas naquelas que são difíceis para ela.

Diante disto, as escolas precisam compreender que o ensino é uma das principais áreas a ser trabalhada no caso de crianças autistas. No entanto, é necessário estar prontas para atender as demandas com flexibilidade, diálogo e estímulo à interação, ampliando a qualidade do convívio escolar para toda a educação infantil.

Portanto, mesmo que o autista apresente algum quadro de deficiência sensorial, mental e transtorno do comportamento e cognitivo, o ensino e aprendizagem dessa criança deve ser planejado e conduzido dentro de práticas que estimulem atividades heterogêneas. O papel das escolas de educação infantil é trabalhar com crianças autistas de forma dinâmica.

Um dos papéis mais importantes da escola na educação infantil é garantir um ensino de qualidade e inovador, aperfeiçoando suas práticas e abandonando aquelas que não contemplam todos os alunos. Além disso, a escola deve manter as práticas que podem ser benéficas, mesmo quando adicionadas a novas abordagens.

A participação da família pode ser decisiva no desenvolvimento da criança diagnosticada com transtorno do espectro autista, desde que orientada por profissionais da

educação qualificados. A família desempenha papel fundamental na criação das condições para que a criança seja incluída na sociedade.

Conforme Florêncio (2020), o envolvimento da família contribui para o sucesso acadêmico da criança. Por exemplo, crianças cujos pais estão mais envolvidos têm melhor desempenho acadêmico, demonstram atitudes mais positivas em relação à escola, apresentam melhores habilidades e exibem menos problemas disciplinares.

As atribuições da família na escola fortalecem significativamente o processo de ensino e aprendizagem das crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista, pois a escola pode contar com o apoio dos pais e responsáveis para promover o desenvolvimento intelectual e social dessas crianças. A família desempenha um papel fundamental na preparação da criança com conhecimentos sociais, crenças e valores.

É na família que a criança encontra o apoio necessário para se desenvolver nos aspectos cognitivos, sociais e em diversos outros aspectos de sua vida.

A família pode contribuir de diversas formas, tais como:

- ✓ Fornecendo aos profissionais da educação informações sobre as formas de comunicação da criança.
- ✓ Verificando diariamente a mochila de seus filhos, revisando os cadernos e os livros, perguntando sobre as atividades realizadas no dia, ajudando-os com os trabalhos de casa e participando das reuniões escolares.
- ✓ Estabelecendo uma conexão mais profunda com a criança diagnosticada com autismo, buscando se aproximar de sua vida e criar um ambiente em que ela se sinta confortável ao se expressar.
- ✓ Organizando a rotina da família em conjunto com a rotina escolar, priorizando os momentos de estudo, evitando distrações e reservando um tempo específico para as atividades de lazer.
- ✓ Tornando o momento de estudos em casa mais divertido e agradável.
- ✓ Sendo claro em relação à necessidade de autoregulação.
- ✓ Proporcionando um ambiente familiar tranquilo.

Criar oportunidades para que seus filhos desenvolvam habilidades sociais é de suma importância para as famílias que têm crianças com transtorno do espectro autista. A participação dos pais é altamente eficaz no desenvolvimento dos alunos portadores do espectro autista.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante o trabalho realizado, procurou-se informar e conscientizar sobre as definições e conceitos do autismo, suas causas e sintomas. Explorou-se como o autismo se desenvolve no contexto escolar infantil e como se concretizam as contribuições e participações da escola de educação infantil e da família no ensino e aprendizagem das crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista. Abordou-se o papel da escola diante das dificuldades de ensino e aprendizagem na educação infantil da criança autista.

Foi percebido como é fundamental que crianças autistas frequentem instituições de ensino regulares, principalmente na educação infantil, objeto do estudo, pois seus direitos estão previstos em Lei. Entendeu-se que existem inúmeras formas de ensinar uma criança autista, e que ela pode aprender de várias maneiras, embora possa enfrentar desafios adicionais. No entanto, para isso, ela precisa ser constantemente estimulada e orientada pelas professoras da sala de aula.

É necessário que essa criança se sinta acolhida e compreendida por todos na escola. Deve haver uma parceria entre a família e a escola, com ambos incentivando essa criança a aprender. As educadoras não devem resistir nem ter receio de receber essa criança, mas sim fazer cursos oferecidos pelas escolas para que esses profissionais estejam capacitados para lidar com essas crianças especiais. Portanto, é imprescindível que as escolas estejam preparadas para ensinar crianças que apresentem transtornos, principalmente o TEA, reconhecendo suas potencialidades, características e identidades em atividades, currículos e planejamentos.

Embora a criança autista possa demonstrar dificuldades iniciais em se relacionar em sociedade e se desenvolver intelectualmente, com diagnóstico, aceitação da família e acompanhamento adequado, ela tem o potencial de evoluir na aprendizagem, assim como

qualquer outro estudante, ou até mais. Desafios encontrados para crianças com necessidades especiais, incluindo problemas de adaptação, ressaltam a importância de aceitar e trabalhar as diferenças em forma de aprendizagem, para que essas crianças sejam inclusas e compreendidas nas escolas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

American Psychiatric Association; Diagnostic and statistical manual of mental disorders; 5a ed.; Washington; DC: Author; 2013.

ASPERGER, H.; **Autistic psychopathy in childhood**; In U. Frith ( Ed.); autism and Asperger syndrome; p. 37 - 92; São Paulo; 2007.

BAPTISTA, L. A.; e RODRIGUES, O. M. P.; **Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para crianças com autismo**: Uma revisão da literatura; Revista Educação Especial; V. 29; N° 52; p. 67 - 80; 2016.

BEREOHFF, A. M.; **Autismo, uma visão multidisciplinar**; São Paulo: GEPAPI; 1991.

BOSA, C.; CALLIS, M.; **Autismo**: breve revisão de diferentes abordagens.; Psicol. Reflex. Crit.; V. 13; Porto Alegre; 2000.

CARVALHO, A. P., e SILVA, M. A. G.; **Percepção dos professores sobre o processo de inclusão educacional de crianças com autismo na educação infantil**; Revista Educação Especial; V. 32; N° 65; p. 1 – 16; 2019.

COELHO, M.; **Necessidades educativas especiais de caráter permanente/prolongado no contexto da escola inclusiva**; Cenfocal; 2006.

CUBEROS, G.; **O Autismo e as dificuldades no Processo de Ensino Aprendizagem**; 1° ed., Editora Moderna; p. 93; São Paulo; 1997.

CUNHA, A. S. S.; e SILVA, M. A.; **Educação inclusiva**: A importância da empatia e da paciência no atendimento educacional especializado a crianças com autismo; Revista Educação Especial; V. 32; N° 66; p. 1 - 18; 2019.

DECRETO N° 8.368/2014. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/decreto/d8368.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/decreto/d8368.htm)>. Acesso em 07/11/2023.

FERREIRA, M. M. M.; FRANÇA, A. P.; **O Autismo e as dificuldades no Processo de Aprendizagem Escolar**; Revista Multidisciplinar e de Psicologia; vol. 11, n. 38, p 507 – 519; São Paulo; N° 1981 - 1179; 2017.

FERREIRA, M. C. S.; e SILVA, M. A. G.; **Inclusão educacional de crianças com autismo na educação infantil**: um estudo de revisão; Revista Brasileira de Educação Especial; V. 23; N° 4; p. 617 – 634; 2017.

FERREIRA, M. C. S., e SILVA, M. A. G.; **Avaliação da adaptação escolar de crianças autistas na educação infantil**; Revista Educação Especial; V. 37; N° 67; 2020.

FLORÊNCIO, I. B. **Educação infantil e dificuldades de aprendizagem**: a hiperatividade trabalha por meio de estratégias de ensino. Revista educação publica v. 20, n 25, São Paulo; 2020.

FONSECA, R. P.; e MARQUES, A. P.; **Sistema de Comunicação por Trocas de Figuras (PECS)**: Revisão de literatura; Revista Brasileira de Educação Especial; V. 21; N° 2; p. 253 - 266; 2015.

FONSECA, R. P., e MARQUES, A. P.; **Atividades lúdicas para crianças com autismo**: Uma revisão de literatura; Revista Brasileira de Educação Especial; V. 22 N° 3; p. 363 - 379; 2016.

GAUDERER, E. C. **Autismo – década de 80. Uma atualização para os que atuam na área**: Do especialista aos pais; Ed. Almed; São Paulo; 1987.

GOMES, A. N., SILVA, C. B.; **Software Educativo para Crianças Autistas de Nível Severo**.; 4º Congresso Internacional de Pesquisas em DESIGN; Rio de Janeiro; 2007.

MANTOAN, M. T. É.; **A integração de pessoas com deficiência**: contribuições para uma reflexão sobre o tema.; Ed. SENAC; São Paulo; 2006.

MARINHO, E.; **Um olhar sobre o autismo e sua especificação**; IX Congresso nacional de educação; Curitiba; 2009.

MARTINS, C. A., e OLIVEIRA, L. R.; **O método TEACCH no contexto da educação infantil**: Revisão de literatura; Revista Educação Especial; V. 31; N° 64; p. 415 - 433; 2018.

MELLO, A. M. S.; ANDRADE, M. A. R.; DIAS, H. H. S.; **Retratos do Autismo no Brasil**; 1ª ed.; Editora AMA; p. 82; São Paulo; 2013.

MELLO, A. C. S., e RODRIGUES, O. M. P.; **A importância do vínculo afetivo entre professor e aluno no processo de aprendizagem de crianças com autismo**; Revista Educação Especial; V. 33; N° 67; p. 1 - 18; 2020.

PAULA , J. B.; PEIXOTO, M. F.; **A Inclusão do aluno Autista na educação infantil**: Desafios e possibilidades; Cadernos de pedagogia; v. 12; n 26; São Paulo; 2019.

SANCHES , I.; TEODORO, A.; **Inclusão Escolar**: Conceitos perspectativas e contributos; Revista Lusofona de educação; v. 8 p..6383; São Paulo; 2006.

SANTOS, L. F.; OLIVEIRA, L. M.; e OLIVEIRA, V. C.; **Desafios e estratégias para a inclusão escolar de crianças com autismo na educação infantil**; Revista Brasileira de Educação Especial; V. 26; N° 2; p. 259-275; 2020.

SHANNON, D., e MCHUGH, K.; **The use of music therapy to reduce stress and anxiety in children with autism spectrum disorders**; Journal of Music Therapy; V. 51; N° 3; p. 246 - 267; 2014.

SILVA, M. A., e CUNHA, A. S. S.; **Estratégias de ensino para crianças com autismo: Uma revisão de literatura**; Revista Educação Especial; V. 32; N° 66; p. 19 - 34; 2019.

SILVA, M. A.; e CUNHA, A. S. S.; **A importância da comunicação no processo de ensino e aprendizagem de crianças com autismo**; Revista Educação Especial; V. 33; N° 67; p. 35 - 50; 2020.

WENDELL, N.; **Praticando a Generosidade em Sala de Aula**; Editora prazer de ler; Edição Recife; p. 10; Recife; 2013.